



Diálogos

ISSN 2177-2940



Uma história da África “Nagô” em Sergipe.

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v25i3.60134>

Janaina Cardoso de Mello

 <https://orcid.org/0000-0002-5060-0691>

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, Brasil. E-mail: janainamello@uol.com.br

A history of Africa “Nago” in Sergipe.

Abstract: Another history of Africa can be told through the biographies of the black diaspora in Brazil. The article walks you through the lives of a few important characters for cultural and religious resistance in the city of Laranjeiras, in Sergipe, from the second half of the 19th century to the 20th century, bypassing for founding the Terreiro Nago Santa Barbara Virgin and the leaders of the Group of being known as Taieiras. Among our subjects are historical: Esméria, Ti Henrique, Ti Herculano, Calú, Umbelina, D. Maria de Lourdes Santos and Lôxa Barbara Cristina dos Santos. Initially counted as a literary narrative on the threshold of history to the broader context, ends with reference to contemporary studies of the theme.

Key words: History of Africa; Biography; Nago; Sergipe.

Una historia de África “Nagô” en Sergipe.

Resumen: Otra historia de África se puede contar a través de las biografías de la diáspora negra en Brasil. De esta manera, el artículo recorre la vida de algunos personajes importantes para la resistencia cultural y religiosa en la ciudad de Laranjeiras, en Sergipe, desde la segunda mitad del siglo XIX al XX, pasando por la fundación de la Virgen Terreiro Nagô Santa Bárbara. y los líderes del grupo de juerga conocido como Taieiras. Entre nuestros temas históricos se encuentran: Esméria, Ti Henrique, Ti Herculano, Calú, Umbelina, Sra. Maria de Lourdes Santos y Lôxa Bárbara Cristina dos Santos. Contada inicialmente como una narrativa literaria en el umbral de la microhistoria hacia el contexto más amplio, termina por referirse a estudios contemporáneos sobre el tema.

Palabras clave: Historia de África; Biografía; Nago; Sergipe.

Uma história da África “Nagô” em Sergipe.

Resumo: Uma outra História da África pode ser contada através das biografias da diáspora negra no Brasil. Desse modo, o artigo percorre as vidas de alguns personagens importantes para a resistência cultural e religiosa na cidade de Laranjeiras, em Sergipe, da segunda metade do século XIX ao século XX, perpassando pela fundação do Terreiro nagô Santa Bárbara Virgem e as lideranças do grupo de folguedo conhecido como Taieiras. Dentre nossos sujeitos históricos estão: Esméria, Ti Henrique, Ti Herculano, Calú, Umbelina, Dona Maria de Lourdes Santos e a Lôxa Bárbara Cristina dos Santos. Inicialmente contado como uma narrativa literária no limiar da micro-história ao contexto mais amplo, termina fazendo referência aos estudos contemporâneos do tema.

Palavras-chave: História da África; Biografia; Nagô; Sergipe.

Recebido em: 16/07/2021

Aprovado em: 13/09/2021

Os “Santos de Pedra” ou Orixás da Costa

[...] ser descendente dos quilombos de Sergipe é sentir essa dimensão trágica da perda da terra ao mesmo tempo em que se vive voltada para ela em busca do ponto onde foi rompida esta história.

(Beatriz Nascimento, 2018, p. 374)

Era noite de lua cheia no céu ausente de estrelas, quando um grande pedaço de madeira saído do continente africano singrou as ondas do oceano em direção à América. O embarque no navio negreiro marcava o início da jornada de personagens que veriam a partir dali suas vidas, crenças, esperanças, medos e obstinação serem trasladadas para o Brasil (SANTOS, 2014, p.111).

Na segunda metade do século XIX, Esméria e Henrique dividiram o mesmo porão com barris onde foram escondidos no navio negreiro clandestino que trouxe ao Brasil, para a geografia de Sergipe, um lote de africanos para trabalharem como escravizados nas plantações de cana-de-açúcar, na região do rio Cotinguiba (DANTAS, 1988, p.74-75).

Ela nasceu “*Birunquê*”, na África. Ele nasceu em *Obá*. Ambos foram desterritorializados para servirem como escravizados do outro lado do Atlântico. Foram escondidos em barris porque a lei antitráfico de 1831 estava em vigor, apreendendo toda a carga que fosse descoberta (AMARAL, 2011, p. 7). Nem a lei de 1831 e nem a de 1850, que acabava com o tráfico de africanos, serviram para assustar os “homens de grosso trato”, que ainda continuaram por mais algum tempo com seus negócios.

Havia em Sergipe, entre 1860 e 1888, “africanos, crioulos, pretos, fulos, acaboclados, cabras, cor de formiga, mestiços, mulatos, pardos e vermelhos”, conforme os jornais sergipanos denominavam os escravizados fugidos das agruras das plantações (AMARAL, 2007, p. 77).

Noticiava-se no *Correio Sergipense* de 19 de julho de 1849:

Fugiu ao abaixo assinado, morador da cidade de Laranjeiras, no dia 19/07/1849, uma sua escrava de nome Hilária, com os sinais seguintes: mulata, cabelo ruim, testa alta, um sinal de talho na testa em cima de um olho, sombrancelhas regulares e pretas, olhos pretos, nariz regular, boca regular, beiços roxos, dentadura sã e dentes iguais, orelhas pequenas, pescoço fino, peitos pequenos e caídos, altura regular, seca de corpo, pés pequenos, dedos curtos, com sinal de panos escuros (micose) pelas apas, representa ter de idade 25 anos, tem de costume quando foge mudar o nome, cuja escrava comprou à Sra. D. Francisca Maria do Espírito Santo, moradora em Itaporanga. Quem a prender e a trazer ao anunciante receberá 30\$000 pelo seu trabalho. Ass. Francisco José dos Santos Cardozo.

Lá pelo setecentos, Portugal investira na vinda de africanos do reino do Daomé para trabalhar como escravizados nas minas de metais e nas plantações de açúcar do Brasil (VERGER, 1968, p. 35). Dali vieram muitos nagôs¹ que resistiram como puderam ao escravismo, como anunciou o *Correio Sergipense* de 04 de outubro de 1854 sobre a fuga de “Maria Rosa, nação nagô, macia e preguiçosa no falar, tem sinais *Gêge* na cara e sinais bordados no braço direito junto à mão”.

Por volta de 1785, vinham de Angola, Congo, Benguela, do Golfo de Benin. Eram minas, gegês e sudaneses da Costa de Guiné para compor uma nova geografia africana em território sergipano, tendo o início do século XIX registrado maior número de escravos, chegando a 1/3 dos habitantes da província (MOTT, 1986).

De acordo com a “Estatística da população livre e escrava de Sergipe por comarcas, distritos de subdelegacias e quarteirões”, Laranjeiras possuía em 1854 o quantitativo demográfico de 5.784 livres e 3.321 escravos, totalizando 9.105 habitantes.²

O destino de Esméria e Henrique tomaria o rumo de Laranjeiras, lugar de desenvolvimento cultural, elevada à vila em 1832 e à cidade em 1848. A importância econômica e política de Laranjeiras foi evidenciada pela instalação da primeira alfândega da província, em 1836, cuidando assim da circulação de mercadorias que vinham tanto d’além mar, quanto das províncias da Bahia, de Alagoas e de Pernambuco. Açúcar, algodão, couro, legumes, tinha de tudo um pouco nas embarcações que ali aportavam para descarregar e abastecer a província (CRUZ, 2012, p. 41).

Esméria e Henrique, embora *malungus* (do kikongo *m’alungu* ou companheiros de viagem), foram separados ao serem comprados por diferentes donos. Apesar de fixarem-se em Laranjeiras, ela foi trabalhar como escravizada de campo no engenho Tanque do Moura, já ele ficou na vila. Ti Henrique, nomeado pelos brancos por Henrique Luís Dantas, foi “o primeiro *beg*”³, fundador do terreiro na rua do Cangaleixo (DANTAS, 1988, p. 66; AMARAL, 2007, p. 248).

No universo da branquitude que buscava subjugar os corpos negros persistia um microcosmo da “divina ancestralidade africana” que se manifestava nas formas de crenças e cultos mantidos como essência, resistência e sobrevivência de almas incontestes. Desse modo,

Os senhores de engenho, sacerdotes e autoridades seculares também reconheciam que os escravizados se envolviam em práticas que não podiam ser simplesmente explicadas por suas condições no cativeiro, mas que eram relacionadas às suas vidas passadas na África e às visões de mundo que haviam dado estrutura e coerência a suas vidas (JOHNSON; PALMIÉ, 2018, p. 507).

1 Nomenclatura conferida à nação de origem africana procedente do antigo Daomé, no Benin e da Nigéria.

2 Pac.287, Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES).

3 Denominação para pai de santo.

As práticas e crenças percebidas com provenientes do iorubá, terminologia destinada no Brasil aos diversos grupos de africanos oriundos da Nigéria e do Benin (Daomé) – sendo estes Oyó, Ijexá, Ketu, Ijebu, Egbá, Ifé e Oxogbô – eram reconhecidas como “Nagô”, um culto aos orixás (divindades) (DOMINGUES, 2019, p.123).

Henrique conseguiu comprar sua liberdade antes de Esméria e por isso pôde se dedicar à instalação dos ritos africanos como o “corte do inhame” ou do “inhame novo”, realizado em setembro, período de colheita do inhame, demarcando o início do calendário litúrgico do terreiro dos “nagôs”, de oferenda aos orixás, para que então os demais fossem liberados para o consumo alimentar da raiz, sem o temor de serem tomados por feridas pelo corpo (DANTAS, 1988, p. 97).

Além do corte do inhame, em setembro, também fazia parte da religião nagô o festejo de *Ogodô* (Xangô), em outubro, e a festa de Iansã, no Carnaval (AMARAL, 2011, p. 6).

Esméria, no engenho Tanque do Moura, tornou-se mulher do também africano Avertani – assassinado pelo feitor da fazenda – dando a luz à Carolina, conhecida por Calú. Mãe e filha trabalharam juntas por um bom período, tendo Calú se envolvido com o senhor do engenho e dele tido um filho, Cincinato. Tempos depois, Calú e seu filho foram vendidos para a família do tabelião Manoel Joaquim de Araújo. Calú serviu como ama de leite dos filhos do tabelião (AMARAL, 2007, p. 248).

Esméria ainda continuou trabalhando por mais algum tempo no engenho Tanque do Moura, manteve a amizade com Ti Henrique e obtinha notícias regulares de sua filha Calú (AMARAL, 2007, p. 248).

Ti Henrique, mesmo sem saber escrever, cuidava da saúde, dos enterramentos e da alforria de outros africanos, a exemplo da africana Bibiana que morreu em 1885 e registrou seus préstimos religiosos em seu inventário (AMARAL, 2007). Munido de “Santos pedras” fundou o culto aos orixás nagôs da costa da África, reverenciados desde então na Irmandade de Santa Bárbara Virgem. Foi Babalorixá, sendo sucedido – após sua morte no final do século XIX – por outro africano, Ti Herculano (SANTOS, 2011, p.19).

Chegando em Laranjeiras, pouco tempo depois de Ti Henrique, acompanhado por outros negros de origem iorubá, Ti Herculano construiu sua casa na região da Comandaroba, em Laranjeiras. Ti Herculano também sofreu as agruras da escravização, período em que era conhecido como Herculano da Costa ou Herculano Barbosa (TORRES, 2011, p. 7).

A colina da Comandaroba, havia sido reduto dos jesuítas no século XVIII, onde erigiram a Igreja da Comandaroba em 1734 (NUNES, 2018, p.153). Mesmo assim, nos sítios e povoados vizinhos, era o batuque de Ti Herculano que dava o tom dos rituais da mãe África. Ressoavam

tambores e sinos num espaço plural de religiosidade.

A casa de Ti Herculano foi construída em um terreno de frente à igreja, com vista privilegiada e ligação com o rio Cotinguiba, com oito cômodos e paredes de taipa, algumas com adobe e tijolos maciços, outras com tijolos e cimento, revelando técnicas construtivas mistas do tradicional e contemporâneo (OLIVA, 2011, p. 10).

Vários africanos tinham se espalhado por outros locais em Sergipe e assim fizeram surgir casas de santos nagôs em Riachuelo, Divina Pastora e outros municípios, mas o trabalho de Ti Henrique e Ti Herculano em Laranjeiras unificou o rito nagô em Sergipe e os santos que estavam nas outras casas vieram para Laranjeiras (TORRES, 2011, p. 7).

Ti Henrique morreu ao final do século XIX, deixando Ti Herculano no comando dos rituais nagôs em Laranjeiras. Ti Herculano era um negro alto e forte, comprou sua liberdade à José Nunes e durante 44 anos acumulou um bom patrimônio demarcado pelo sítio na Comandaroba, o sítio Salinas e três casas na rua Porto dos Oiteiros (AMARAL, 2007, p. 244).

Ti Herculano foi casado com Bernarda, tendo sete filhos e um neto, mas em 1907, seria a sua vez de ir ao encontro dos ancestrais na África. Após sua morte, foi o momento de as mulheres assumirem a liderança do terreiro fazendo com que desde 1910 esse protagonismo feminino perdurasse (AMARAL, 2007).

Nas mãos de Umbelina Araújo, que ficou conhecida por dona Bilina, foi entregue o desempenho do papel de *yalorichá*⁴. Filha de Calú, tinha 20 anos na época e no início do século XX, passou a realizar parte dos festejos em sua casa – o Terreiro de Santa Bárbara Virgem, na Rua da Cacimba. Diferentemente do *beg*, à mulher líder do terreiro nagô não é permitido formar família, sendo “sua família de santo” aqueles que com ela compartilham a fé (TORRES, 2011, p. 8).

Figura 1: Festejo no Terreiro de Santa Bárbara Virgem, comandado por Bilina (1973)



Fonte: OLIVA, 2011, p. 16.

⁴ Sacerdotisa e chefe de um terreiro, cuida dos orixás.

Na figura 1 se pode observar Bilina dançando com uma criança, uma nova geração para a continuidade dos ritos nagôs. As indumentárias são brancas e modestas conformando calça, camisa e avental para os homens, que calçam sandália ou sapatos brancos, e usam um gorro de crochê na cabeça. As mulheres vestem-se com saia, blusa e avental, calçando sandálias ou sapatos brancos, com um lenço branco amarrado à cabeça. As guias coloridas, que expressam os Orixás, são os adornos que trazem junto ao peito (CRUZ, 2018, p.177).

É importante destacar que a forma de portar o lenço amarrado a cabeça deve seguir dois modelos. Para aquelas mulheres, incluindo as crianças e adolescente, que ainda são virgens; os lenços devem ser postos a cabeça deixando as pontas soltas para trás no prosseguimento dos cabelos. Já aquelas que não portam mais essa condição, o lenço deve ser arrumado tendo as pontas presas, em formato de touca (CRUZ, 2018, p.177).

A predominância de negros no grupo está vinculada às ancestralidades africanas que acentuam a “força” (um poder místico e simbólico) do terreiro e de sua liderança nos tratos com as divindades. Nesse espaço do sagrado dos orixás, somente dançam aqueles com o “corpo limpo” (abstinência sexual, cuja temporalidade é demarcada de acordo com a hierarquia no grupo, podendo variar de uma semana a quarenta dias. Mulheres no ciclo menstrual também ficam interditadas) e que integram o corpo de fiéis – descendentes de nagô e batizados. Quem não pertence ao núcleo também não tem permissão para entrar na roda de danças (DANTAS, 1988, p.99).

Antes de se tornar a líder da Irmandade de Santa Bárbara Virgem, Umbelina havia migrado para o Rio de Janeiro, onde noivara e estava compondo seu enxoval quando lhe foi enviado o chamado para assumir o terreiro. Desfez-se do compromisso afetivo e voltou a Sergipe para tomar conta de seu lugar, já que seu tempo havia chegado (DANTAS, 1988, p. 81).

Apesar da surpresa, Bilina sempre soube de seu destino, pois quando criança lembrava de participar das danças na roda, dentro de cestos, rememorando ainda as danças que participara dentro da casa de Ti Herculano no sítio da Comandaroba (DANTAS, 1988, p. 66).

Após a morte de Bilina, em 24 de setembro de 1974, os orixás escolheram Alaíde para suceder-lhe na liderança do terreiro, mas por motivos particulares ela recusou o convite das entidades, pedindo que outro nome fosse escolhido. Foi então que o nome de Maria de Lourdes Santos – com 40 anos de idade – foi indicado e Alaíde, transmitiu os conhecimentos que os orixás continuavam enviando para si à nova Lôxa da religião nagô (CRUZ, 2012, p. 59).

No final das contas, Alaíde terminou não realizando seus anseios de casar-se e viajar, mantendo suas obrigações junto à Lôxa Lourdes até o dia de sua morte. Não assumiu o posto principal, mas permaneceu como braço direito da líder por determinação do Orixá maior (TORRES, 2011, p. 9)

Figura 2: Festejo no Terreiro de Santa Bárbara Virgem, comandado por Lourdes (1988)

Fonte: OLIVA, 2011, p. 17.

Às mulheres a inserção musical ocorre na percussão com cabaças adornadas por redes com búzios e contas harmonizando com o som dos atabaques nos festejos rituais. Somente os homens são “tambozeiros” (figura 2). A dança traz uma performance mimética do trabalho na África e nas fazendas, desse modo, o movimento do uso da enxada nos campos tem o propósito de “ensinar pequenos e grandes a trabalhar”, pois o povo nagô não é preguiçoso (DANTAS, 1988, p.77-78).

Como afirmou Grada Kilomba (2019), o trauma do passado colonial não foi esquecido, mas sim “memorizado” e não se pode fingir simplesmente a sua inexistência. A repressão, a dor, o cativeiro de corpos e almas são revividos pela dor e humilhação do racismo cotidiano. Sob esse aspecto, a resposta dos sujeitos negros a essa “tragicidade de sua experiência” requer um reencontro com a desterritorialização forçada, com a humanização tolhida e os elementos simbólicos, mediúnicos, permeados por dança e sonoridade trazem um “escudo protetor”.

O trabalho nos canaviais ou nos roçados de inhame, macaxeira e demais tubérculos, mais do que uma reprodução do “domínio sobre os corpos negros escravizados”, remonta à sua sobrevivência e continuidade nos quilombos onde o plantio lhes garantia a liberdade. Laranjeiras é uma terra de quilombos.

Lourdes também assumiu as Taieiras, grupo de folguedo composto predominantemente por mulheres, em estreito vínculo com o terreiro Santa Bárbara Virgem. Quando faleceu em 2002, sua filha adotiva Bárbara Cristina dos Santos, aos 16 anos de idade, recebeu o duplo encargo, mas só

assumiu o terreiro quando completou 18 anos⁵. Bárbara, graduada em Pedagogia, permanece cumprindo seu papel como Lôxa⁶ responsável por “fazer o contato direto com as divindades e transmitir as obrigações, regras e direcionamentos a cada filho de santo da casa” (TORRES, 2012, p. 54).

Bárbara com seu bastão de comando (figura 3), repete Bilina ao dançar com o sacrificador de animais (Xangodeí). O bastão, símbolo de chefia do terreiro, é a herança transmitida de Bilina para Lourdes, no terreiro de Herculano da Comandaroba, e depois para Bárbara no terreiro de Santa Bárbara Virgem (DANTAS, 1988, p. 58).

Figura 3: Festejo no Terreiro de Santa Bárbara Virgem, comandado por Bárbara (2010)



Fonte: OLIVA, 2011, p. 17.

É a mãe de santo que acolhe, repassa o conhecimento, faz a mediação de conflitos e a comunicação com os orixás, cuidando da casa e de seus filhos de Santo. É a célula *mater* da família de Santo, zelando pelo bem-estar de todos e pelo cumprimento dos desígnios das divindades, pela manutenção dos rituais e tradições do terreiro.

Dona Ciza (Maria do Espírito Santo), filha de Ti Herculano, voltara do Rio de Janeiro para cuidar de dona Lourdes durante seus últimos tempos adoentada e, depois de sua morte, lhe fora atribuída a guarda de Bárbara, que ainda era menor de idade na época do chamado, tornando-se a *Iaquequerê* do terreiro, ou seja, a “mãe pequena”, aquela que cuida da Lôxa e da casa de Santo (TORRES, 2011, p. 10).

⁵ Quando lhe foi permitido fazer a iniciação ao nagô, por já ser responsável por si e seus atos e assim poder integrar a religião nagô.

⁶ Denominação para mãe de Santo.

Na cozinha a mulher também estabelecia seu lugar fazendo a “comida do Santo” (“*yabassé*”, ou cozinheira). Além das oferendas, é através da música que se realiza a comunicação com o sagrado nas religiões africanas.

A cartografia afroreligiosa de Laranjeiras permite trilhar nas ruas do Cangaleixo, da Poeira ou do Porto dos Oiteiros, da Cacimba, o Alto do Bom Jesus, a entrada da cidade – no Quitale de cima –, o Tramandaí e o sítio na Comandaroba o percurso nagô de uma história africana de rituais, símbolos, papéis de gênero, hierarquias, renúncias, resistência, transmissão de conhecimentos, respeito e reverência às divindades, redes de solidariedade constituídas pela fé, auxílio dos libertos da escravização, protagonismo feminino no terreiro e a manifestação cultural da Taieira vinculada à Irmandade de Santa Bárbara Virgem.

Beatriz Nascimento (2018, p.253) chamou a atenção para a memória e a esperança de recuperação do poder africano usurpado pelo branco escravista. Para a historiadora, isso ocorria na organização de sistemas sociais alternativos dos quilombos ou favelas, as onde dimensões históricas, culturais e religiosas são compartilhadas como signo de continuidade de lutas ancestrais.

Toni Morrison (2019) distinguiu “corpo escravizado” de “corpo negro”. Se o primeiro “morrera com o fim da escravidão”, o segundo estava em movimento, trabalhando e exercendo sua cidadania. Todavia, isso era ilusório, pois as cicatrizes da escravização se perpetuavam e a dita “cidadania para os negros” não encontrava igualdade de suportes nos espaços de memória e patrimônio.

Conforme escreveu a autora, não havia um lugar que propiciasse uma reflexão, para a evocação da presença ou a rememoração da ausência dos escravizados. Homens e mulheres da diáspora africana não eram recordados, não havia para estes um memorial adequado, uma placa, um parque, uma estátua, um prédio ou sequer uma árvore com suas iniciais. Os turistas que percorriam as cidades norte-americanas (Charleston ou Nova York) não encontravam monumentos onde a história dos africanos estivesse representada. Por isso, havia “uma fome por um lugar permanente”. Um lugar onde fosse possível descansar (MORRISON, 2019).

Em Laranjeiras, apesar de seu primeiro Museu Afro-Brasileiro (1976), os espaços que de fato evocam essa memória da diáspora negra iorubá são os terreiros, são os “filhos de santo” que tomam as ruas com seus folgedos e expressam sua identidade ancestral.

As Taieiras de Laranjeiras e a liderança feminina dos fitilhos coloridos

Nos folgedos⁷ de Laranjeiras vivem antigas histórias urbanas ou rurais que remetem ao processo colonizador português, ao trabalho de escravizados nas plantações de cana-de-açúcar da

⁷ Festas de caráter popular.

região do Cotinguiba, à resistência quilombola da Mussuca⁸, aos terreiros nagô e o culto a Xangô, à religiosidade católica de festas e rituais oitocentistas as, corporificadas em grupos reunidos com músicas, danças, teatralizações e personagens simbólicos.

São brincadeiras e seus partícipes os “brincantes” os responsáveis pela preservação dessas manifestações enquanto uma arte viva, identitária, capazes de ressignificar as tradições locais no cuidado com as roupas, com as apresentações, com o “modo de brincar” e sua transmissão para as novas gerações. Além da resistência pelo viés da religiosidade africana, “a arte se tornou a espinha dorsal das culturas políticas dos escravos e de sua história cultural” (GILROY, 2001, p. 129).

Figura 4: As Taieiras no cortejo do Encontro Cultural de Laranjeiras (janeiro de 2017)



Fonte: Autoria própria, 2017.

Escrevendo sobre a Taieira de Sergipe (figura 4), manifestação cultural imaterial na qual moças com trajes coloridos (vermelho, branco, azul e amarelo) e chapéus chamativos apresentam danças e cantos num cortejo pelas ruas da cidade cujo clímax é a coroação de rei e rainha na Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário em janeiro, a antropóloga Beatriz Góis Dantas dá ênfase à tradição mantida em Laranjeiras que persiste nos dias atuais, mas também aborda as antigas Taieiras dos municípios de Lagarto e São Cristóvão que hoje não existem mais.

A Taieira se apresenta em Sergipe associada de diferentes modos a reis e rainha. Em Laranjeiras os soberanos integram o grupo folclórico acompanhando-o em suas apresentações, sendo conhecidos como reis e rainha da Taieira. A ligação é menos acentuada em Lagarto, enquanto a descrição referente a S. Cristóvão não permite estabelecer relação específica entre os dois fatos, a não ser a apresentação de ambos na festa de S. Benedito

⁸ Em 20 de janeiro de 2006 a Mussuca recebeu a certificação de autorreconhecimento como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares sob o processo 50301420.003078/2005-11, do Livro Cadastral L05/RG465/FL73.

(DANTAS, 1972, p. 57).

O festejo da Taieira no dia de Santos Reis é articulado ao calendário católico da cidade, todavia, o grupo de Laranjeiras tem suas origens na segunda metade do século XIX, com a avó e a mãe da falecida Umbelina Araújo, descendente de africanos e enraizada no culto nagô, que assumiu as Taieiras por volta de 1902/1903 (DANTAS, 1972, p. 27-28).

Nomeadas a partir das mulheres que carregavam talhas de barro com água na cabeça, o grupo da Taieira incorporou algumas características religiosas a exemplo dos fitilhos coloridos de seus trajes que representam cores de orixás cultuados no terreiro⁹ (TORRES, 2012, p. 30).

Em 06 de janeiro de 1978, a *Gazeta de Sergipe* (ano XXII, nº 5.922, p.6) divulgou o início do III Encontro Cultural de Laranjeiras daquele ano, conferindo destaque com fotografia e referência textual às Taieiras que “se mantêm atuando desde o século passado e continua em seu apogeu graças ao trabalho da falecida mãe Bilina”, demonstrando a impossibilidade de dissociar a manifestação cultural da crença afro-religiosa nagô da cidade.

Os estudos das religiões afro-brasileiras em Sergipe feitos pela antropóloga Beatriz Góis Dantas historicizaram a presença de terreiros “nagôs”, “caboclos” e outros em Laranjeiras. O terreiro nagô de Santa Bárbara Virgem, acolhimento das Taieiras, vinculado a ancestralidade africana dos “santos de pedra” teria mantido suas tradições ao longo do tempo, diferentemente dos demais que teriam atualizado os cultos (DANTAS, 1988, p. 36-37).

A ideia da pureza africana e da manutenção das tradições originais confronta-se com a crítica aos demais terreiros locais (Filhos de Obá, São José, São Jerônimo, São Sebastião, dentre outros) que para Bilina teriam se misturado às práticas rituais indígenas (caboclas) traindo sua essência (DANTAS, 1988, p.51; 93;97).

Integram as Taieiras: a Rainha, legado cultural dos antigos reis de Congo, acompanhada por seus ministros, capacetes e dançarinas, que rumam para a igreja onde é celebrada a grande Missa do dia de Reis. Há muitas décadas repete-se a coroação da Rainha da Taieira mantendo o ritual. Ao final da missa a coroa da imagem de Nossa Senhora do Rosário é colocada pelo padre na cabeça da Rainha da Taieira. É o momento do toque dos sinos da igreja, do pipocar dos fogos e dos cantos, danças e louvores dos grupos folclóricos para os Santos e para a Rainha da Taieira. Cores, cantos e danças mesclam-se do sagrado e profano tão presentes na cultura afro-brasileira, como também, incorporada pelo catolicismo popular do Nordeste (LIMA, 2014).

Para dançar nas Taieiras, tem quer ser moça virgem. [...] condição básica essa que parecer ter sido

9 O branco e vermelho de Iansã e o amarelo de Oxum.

transplantada para o grupo de Taieiras, o que explicaria o fato de ser formado praticamente por crianças (cerca de quinze meninas e quatro meninos) (RIBEIRO, 2008, p. 59-60).

A composição atual da Taieira de Laranjeiras perfaz: 23 Taieiras/dançarinas, 02 Guias, 02 Rainhas, 02 Lacraias, 01 Rei, 01 Ministro, 02 Capacete, 01 Patrão, totalizando 34 componentes. O número de participantes pode variar, dependendo da data da apresentação. Anualmente pode mudar a quantidade de componentes do grupo. As crianças ingressam no grupo geralmente aos 03 anos de idade, sendo que a faixa etária dos participantes segue até os 80 anos (LIMA, 2014).

Figura 5: O Cortejo dos grupos de folguedos no Encontro Cultural de Laranjeiras (janeiro, 2017).



Fonte: Autoria própria, 2017.

Durante o Encontro Cultural de Laranjeiras¹⁰, em janeiro, os grupos culturais saem em cortejo e as Taieiras entoam cantos como “Estrela”, “Em Porto Chegamos”, “Lá Vai Meu São Benedito”, “Catirina Mubamba”, “Moça Baiana”, “Rio Fundo”, “Benedito”, “Guia com Guia” e “Calango” ritimados pelo uso de tambor e querequexés¹¹ (RIBEIRO, 2008, p. 64-69).

(...) a música e seus rituais podem ser utilizados para criar um modelo no qual a identidade não pode ser entendida nem como uma essência fixa, nem como uma construção vaga e extremamente contingente a ser reinventada pela vontade e pelo capricho de estetas, simbolistas e apreciadores de jogos de linguagem (GILROY, 2001, p. 209).

10 O Encontro Cultural de Laranjeiras, surgiu de uma quermesse realizada em 1975, pelo prefeito da cidade José Monteiro Sobral e a primeira-dama Yone Sobral, sendo em maio de 1976 oficialmente aberto nas dependências da Igreja Matriz. Realizado na primeira quinzena de janeiro de cada ano, junto às festas de São Benedito e Santos Reis, inclui diversas atrações de teatro, dança, exposições, oficinas e *shows* musicais, além do cortejo com mais de cem grupos folclóricos (AGUIAR, 2013).

11 Instrumento musical que consiste numa cana em que se praticam regos transversais e se faz soar passando por eles uma varinha ou tala. Similar ao reco-reco.

Logo cedo, os grupos da Chegança e do Cacumbi seguem até a Irmandade Santa Bárbara Virgem para sair de lá em cortejo pelas ruas da cidade, com as Taieiras na frente (figura 2), até chegarem ao “porto” representado pelo rio Cotinguiba, onde são feitas reverências aos orixás da casa nagô, para dali encaminharem-se para a Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário onde será realizada a coroação da rainha das Taieiras (CRUZ, 2012, p. 49-50).

Assim, a negritude e a ancestralidade africana dos orixás se imiscuem nos ritos e tradições católicas brancas, ressignificando a experiência da fé exercida tanto no coletivo quanto no plano individual. Não é uma submissão ou negociação, é a reconquista de seu poder ancestral.

Embora tradições plurais convivam em Laranjeiras, estas adquirem um significado específico em suas ruas, bairros, personalidades de renome ou anônimas. Mesmo quando há manifestações que se repetem em outras localidades sergipanas, em Laranjeiras elas são únicas em seu “modo de fazer”. Assim,

[...] a identidade se expressa como territorialidade que denota o sentimento político, a energia social e a vontade coletiva que – somados – resultam sentimentos (nacionalista, patriótico, regionalista, amor pela terra e diversas manifestações da força social objetiva). O reconhecimento e a compreensão desses sentimentos promovem a afirmação de muitas estratégias de desenvolvimento (ECHEVERRI, 2009, p. 26).

A chefia das Taieiras e da Irmandade Santa Bárbara Virgem é tanto religiosa quanto política (na acepção do “bem comum”, não partidária formal), uma vez que Barbara Cristina participa ativamente, como representante civil, em comissões da comunidade de Laranjeiras junto à Fábrica de Cimento Votorantim que explora a matéria prima local, em reuniões para definição dos Plano Municipal de Cultura, bem como em suas Conferências. Os assuntos envolvendo o desenvolvimento econômico e a promoção cultural da cidade lhe interessam como cidadã que é, mas também como liderança para o povo nagô residente na cidade.

Na trilha da história de Beatriz Góis Dantas no livro “Vovó Nagô e Papai Branco”

Entre a “vovó nagô e papai branco” está a antropóloga Beatriz Góis Dantas, pesquisadora da temática cultural africana no Brasil, tendo seu livro traduzido para o inglês e publicado, em 2009, pela Universidade do Norte da Carolina (EUA) como “*Nago Grandma and White Papa: Candomblé and the creation of Afro-Brazilian identity*”, dada a representatividade do estudo, fruto de seu Mestrado em Antropologia na UNICAMP.

Seu pioneirismo é marcado na perspectiva da “invenção da tradição” e de uma reinterpretação da teoria da etnicidade que vê no debate sobre a “pureza das religiões

afrobrasileiras” muito mais uma construção intelectual do que o resultado da fidelidade a uma tradição (DANTAS, 1988, p. 29; BANAGGIA, 2008, p. 2).

Nascida na cidade de Lagarto, no agreste de Sergipe, na década de 1940, foi professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS), antropóloga de campo e sócia do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). Atualmente aposentada da UFS, continua uma intelectual ativa escrevendo, palestrando e publicando livros sobre o artesanato e os folguedos culturais em Sergipe.

Suas pesquisas para a dissertação de Mestrado foram realizadas entre 1972 e 1976, compondo uma etnografia da religiosidade nagô em Laranjeiras, registrando “os rituais, o sistema de crença; a composição do grupo de culto; as relações entre chefia e o corpo de fiéis; e a inserção do terreiro no cotidiano da cidade” (SOUZA, 2019, p.6).

Segundo Márcia Contins (2014, p.255-256) a década de 1970, e a partir de 1988, intensificou e diversificou a relação entre as religiões afro-brasileiras e a sociedade nacional com o surgimento de inúmeros movimentos e redes sociais. As pesquisas do pós-abolição foram impulsionadas, trazendo diferentes perspectivas interpretativas sobre o combate à discriminação racial. Os movimentos afro-brasileiros e suas lideranças traziam à tona discussões sobre a nação, os indivíduos e a cidadania. A invisibilidade das comunidades negras estava sendo desconstruída por intelectuais, militantes e pela própria mídia.

Uma demonstração dessa realidade aparece no periódico *Gazeta de Sergipe* (ano XX, nº 4.963), de 06 de janeiro de 1975, com a notícia de primeira página “Mãe Bilina é homenageada”, informando que às 9h daquele dia, na cidade de Laranjeiras, haveria uma homenagem póstuma na Igreja de São Benedito, com a apresentação de um filme sobre sua atuação nas Taieiras com texto, direção e ilustração de Beatriz Góis Dantas. Uma produção em cores, realizada enquanto Mãe Bilina era viva.

Dantas também participou diretamente, com informações sobre a religiosidade nagô em Laranjeiras, na reforma da casa de Ti Herculano no sítio Comandaroba, em 2011, operacionalizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e há muito solicitada pela Irmandade Santa Bárbara Virgem. Assim,

O trabalho, acompanhado pela Irmandade, respeitou a dinâmica de usos do espaço e a religiosidade, mas sem descartar elementos importantes que tornam a casa, além de um lugar sagrado, um objeto de valor histórico e estético. Outros serviços foram executados pela Irmandade de Santa Bárbara Virgem que conseguiu o recurso ao ser contemplada com o Prêmio Culturas Populares, do Ministério da Cultura em 2009 (IPHAN, 2011).

Além da entrega da casa à comunidade nagô, também foi inaugurada uma exposição virtual idealizada pelas professoras Verônica Meneses Nunes, historiadora e museóloga, e Beatriz Góis

Dantas com o apoio da Universidade Federal de Sergipe (UFS), através do Museu do Homem Sergipano (MUHSE)¹².

Ressalte-se ainda o trabalho desenvolvido por Beatriz Góis Dantas no MUHSE, na Sala de Cultura Popular, no acervo oriundo dos trabalhos de campo enquanto antropóloga e doado à instituição.

Seu estudo sobre a religiosidade nagô em Laranjeiras abriu caminho para que mais tarde, utilizando-se de fontes textuais de arquivo, as entrevistas realizadas por Beatriz Góis Dantas fizessem o duplo movimento de confirmação pelo método histórico, no cotejamento de dados obtidos via texto-oralidade/oralidade-texto, das origens de Ti Henrique e Ti Herculano nos inventários de Laranjeiras, da segunda metade do século XIX¹³, acondicionados no Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe e pesquisados por Sharyse Piroupo do Amaral entre 2003 e 2007. Segundo a historiadora:

O africano Herculano, antecessor de Bilina no terreiro, e que ela chegou a conhecer quando criança trata-se de Herculano Barbosa Madureira. No seu inventário consta que ele faleceu em 1907, deixando esposa, sete filhos e um neto. A prova cabal de que era a mesma pessoa foi dada por Beatriz Dantas, que gentilmente me cedeu anotações da época em que pesquisou para o seu livro, nas quais consta que a esposa de Tio Herculano se chamava Bernarda, mesmo nome que consta no inventário. Quando este morreu possuía o sítio Comandaroba, em terras ao lado da cerca do engenho Comandaroba, situado no subúrbio de Laranjeiras, avaliado em 950 mil réis (juntamente com casa e duas casinhas), o sítio Salinas, no mesmo valor, e três casinhas na rua do Porto dos Oiteiros (duas delas antes pertencentes à Bibiana), que valiam entre 50 e 100 mil réis. Seus bens somavam 2 contos e 66 mil réis, dos quais dois contos eram relativos a bens de raiz (AMARAL, 2011, p. 4).

Percorrendo uma trilha semelhante no Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe, os pesquisadores Frank Marcon, Aline Ferreira da Silva, Daniela Moura Bezerra e Williams Souza Silva (2010), ao buscarem identificar e analisar os discursos de identidade e diferença produzidos por africanos em Sergipe a partir de documentos como testamentos e inventários, utilizam o exemplo do testamento/inventário de João Antônio de Moraes¹⁴, de 27 de outubro de 1885, morador da rua da Cacimba do Porto do Oitero, em Laranjeiras, natural da Costa d’África, casado com Bibiana africana, de cujo consórcio tiveram um filho de nome [Satijo]. A mesma Bibiana de quem

12 Criado em 1976, como órgão suplementar da UFS, o edifício do museu fechou suas portas ao público em 2011, em razão de danos estruturais. Seu acervo foi distribuído por vários espaços sergipanos da própria instituição federal e outros museus.

13 A- Série Cível (Fundo Laranjeiras: cx 204- Ação de embargo, cx 205- Ação de embargo, cx 206 - Ação de seqüestro de bens, cx 207- Ação de tutela, cx 209- Apelação cível, cx 210- Escritura, cx 247- Libelo cível, cx 248- Libelo cível); B-Série Diversificada (Fundo Laranjeiras: cx 299- Diversos, cx 304- Petição); C-Série Livro de Notas (Fundo Laranjeiras: cx 250); E-Série Inventários (Fundo Laranjeiras: 16 caixas, 1860-1888) e F-Série Testamentos (Laranjeiras: 1 caixa) (AMARAL, 2007, p. 261;263) (APJES).

14 Testamento de João Antonio de Moraes e sua mulher Bibiana, cx.228 (APJES).

Ti Henrique cuidara da enfermidade e depois do enterramento ao final do século XIX.

Reforçando ainda a presença de africanos da Costa, está o testamento do liberto Joaquim Queirós¹⁵, morador de Aracaju, falecido em 22 de outubro de 1886, declarando:

[...] ser “natural da Costa D’África, no lugar denominado Equity”, dizia ainda ser filho de “Ermaysaem e Facor, já falecidos”, ser casado com Maria Antônia, “também natural da África, do lugar denominado Chagui” (MARCON *et al.*, 2010).

Mais uma vez a identidade de Costa D’África, referência geográfica nagô, aparece no documento revelado no *post mortem*. Eram a família de Esméria e Henrique, a família de território, de nação, de religião.

Considerações Finais

À negritude e ancestralidade africana dos orixás se imiscuem os ritos e tradições católicas brancas ressignificando a experiência da fé, tanto no coletivo quanto no plano individual. Reflexo que se mantém nas instituições culturais, uma vez que Laranjeiras abriga também o primeiro Museu Afro-Brasileiro, criado em 1976.

A religiosidade católica e suas marcas colonizadoras na cidade está presente em nove igrejas (Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, Igreja Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba, Capela de Santo Antônio, Capela do Engenho Jesus, Maria e José, Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, Igreja Bom Jesus dos Navegantes, Igreja Nossa Senhora da Conceição dos Pardos, Capela Sant’Aninha) erigidas entre o final do século XVIII e início do século XIX, além do Museu de Arte Sacra católica, criado em 1995.

Entre religiosidades afrodescendentes e lusitanas em Laranjeiras, observa-se que houve movimentos sincréticos, mas estes não anularam a identidade dos participantes dos cultos nagôs e das Taieiras. O sincretismo nesse caso, antes de ser uma forma de dominação branca/colonizadora ou um instrumento de “aculturação”, tornou-se um modo de negociação, intercâmbio e reconfiguração de tradições, por mérito incisivo das lideranças de *Begs* e *Lôxas*, tendo em vista a dinamicidade da cultura.

Em meio a uma história do Brasil repleta dos brancos D. João, D. Pedro I, D. Pedro II, Marechal Deodoro, Marechal Floriano, elencar os nomes de escravizados e lideranças negras religiosas e de folguedos representa uma mudança de horizonte para que a história assuma uma dimensão mais “enegrecida” dos acontecimentos e de seus protagonistas, a exemplo de Esméria,

15 Testamento e inventário de Joaquim Queirós no documento conjunto de 15 de novembro de 1886. Fundo AJU/C. 1º. Of. Cx. 02 – 2084 (APJES).

Henrique, Bilina, Lourdes e Bárbara.

A linha do tempo recontando suas trajetórias, sistematizando suas vidas e significados para a coletividade coloca a África no centro dos estudos históricos no Brasil, podendo e devendo ser utilizada em atividades pedagógicas escolares. Enriquece-se assim a Educação Patrimonial inclusiva de terreiros e os processos de musealização entre quatro paredes ou de percursos urbanos, como forma de afirmação do brio da identidade negra em Laranjeiras, que para além de uma história local ou regional, para além do escravismo, contém em si uma “nação inteira” de significados da ancestralidade africana.

As perdas causadas pelo colonialismo não findaram com a abolição, o racismo estrutural, a violência verbal e física sobre os terreiros e afroreligiosos recrudescem ainda mais no século XXI. Ao passo que as lutas por visibilidade de ocupação de espaços políticos, sociais, econômicos e culturais se fortaleceu na coletividade negra, a resposta reacionária não deixou de manifestar seu desagrado. Combater essas vozes que reificam o silenciamento, esquecimento e inferiorização do povo negro no Brasil, requer a escrita de uma outra história escrita por negros que ressoe.

Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Kabengele Munanga, bell hooks, Angela Davis e tantos outros estão sendo revisitados, relidos, reapropriados e ensinados nas escolas, nas universidades e nos próprios terreiros. Novos nomes se projetam como Grada Kilomba, Flávia Rios, Ana Flávia Magalhães Pinto, a partir de pesquisas e vivências pessoais. Os corpos negros deixam de ser objetos de pesquisa, para serem sujeitos, mentes de pesquisa e escrita.

Ainda que ocorram os “quebras” dos espaços sagrados de devoção às divindades africanas, as crianças que compartilham os rituais de festejos da Irmandade de Santa Bárbara Virgem e dançam nas Taieiras sob lideranças femininas, crescem orgulhosas de sua pele, de suas raízes, de sua crença. A religiosidade afrolaranjeirense empodera suas identidades e perpetua a continuidade quilombola.

Ainda há um longo caminho pela frente para mulheres e homens negros no Brasil, mas as re-existências e aquilombamentos contemporâneos evidenciam a disposição para trilhar essa jornada sob os auspícios dos orixás.

Fontes

Gazeta de Sergipe (ano XX, nº 4.963), 06/01/1975, p.1 (Hemeroteca - APES)

Gazeta de Sergipe (ano XXII, nº 5.922), 06/01/1978, p.6 (Hemeroteca - APES)

Pac.287, Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES).

Ref. A- Série Cível (Fundo Laranjeiras: cx 204- Ação de embargo, cx 205- Ação de embargo, cx 206 - Ação de seqüestro de bens, cx 207- Ação de tutela, cx 209- Apelação cível, cx 210- Escritura,

cx 247- Libelo cível, cx 248- Libelo cível).

Ref. B- Série Diversificada (Fundo Laranjeiras: cx 299- Diversos, cx 304- Petição) (APJES).

Ref. C-Série Livro de Notas (Fundo Laranjeiras: cx 250) (APJES).

Ref. E-Série Inventários (Fundo Laranjeiras: 16 caixas, 1860-1888) (APJES).

Ref. F-Série Testamentos (Laranjeiras: 1 caixa) (APJES).

Testamento de João Antonio de Moraes e sua mulher Bibiana, cx.228, Arquivo Público do Poder Judiciário do Estado de Sergipe (APJES).

Testamento e inventário de Joaquim Queirós no documento conjunto de 15 de novembro de 1886.

Fundo AJU/C. 1º. Of. Cx. 02 – 2084 (APJES).

Referências bibliográficas

AGUIAR, Luciana de Araujo. Autenticidade, prestígio e rivalidade no contexto da cultura popular: o Encontro Cultural de Laranjeiras (SE). *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 81-100, mai. 2013. Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/10172/7939>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. *Escravidão, Liberdade e Resistência em Sergipe*: Cotinguiaba, 1860-1888. Tese de Doutorado em História. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. Religiosidades africanas e comunidades negras em Laranjeiras (Sergipe, 1860-1910). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH/São Paulo*, julho 2011. Disponível em:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300736578_ARQUIVO_Anpuh-2011_Sharyse.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015. p.1-12.

BANAGGIA, Gabriel. Teorias da etnicidade nas religiões afro-brasileiras: duas perspectivas. *Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Porto Seguro/BA: ABANT, 2008. Disponível em:

<http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2024/gabriel%20banaggia.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2015.

CONTINS, Marcia. The City and the African-Brazilian Religions. *Vibrant* (Florianópolis), vol. 11, n° 2, 2014, p. 246-266. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/downloads/v11n2_contins.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

CRUZ, Eval. Diáspora e conexões do Atlântico: histórias, identidades e resistências africanas em Laranjeiras (Sergipe – Brasil). *Revista De História Da UEG*, 7(1), 2018, p.172-186. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/7742>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

CRUZ, Eval. *Sacerdotisa em Laranjeiras/SE*: Trajetória e recursos na ocupação de um espaço de

poder e dominação. Dissertação de Mestrado em Antropologia. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012.

DANTAS, Beatriz Góis. *A Taieira de Sergipe*. Petrópolis: Vozes, 1972.

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*. Graal: Rio de Janeiro, 1988.

DOMINGUES, Petrônio. Guerra de Xangô: ritual, perseguição e conflito na formação do campo religioso afro-sergipano. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 39(1), 2019, p. 120-146. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n1cap06>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

ECHEVERRI, Rafael. *Identidade e território no Brasil*. Brasília: IICA, 2009.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência. São Paulo, Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

IPHAN. *Casa de Ti Herculano é entregue à comunidade de Laranjeiras – SE*. 06/11/2011.

Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1580/casa-de-ti-herculano-e-entregue-a-comunidade-de-laranjeiras-%E2%80%93-se>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

JOHNSON, Paul Christopher; PALMIÉ, Stephan. Religiões afro-latino-americanas. In: Andrews, George Reid; Fuente, Alejandro de la (Coord.) *Estudios afro-latino-americanos: uma introdução*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018, p.505-556.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LIMA, Marcos Paulo Carvalho. A Taieira de Laranjeiras, bem cultural reconhecido como patrimônio imaterial. *Tribuna da Praia*. 20/12/2014. Disponível em: <<http://www.tribunadapraiaonline.com/news/a-taieira-de-laranjeiras-bem-cultural-reconhecido-como-patrimonio-imaterial/>>. Acesso em: 23 ago. 2015.

MARCON, Frank *et al.* Mobilidades africanas em Sergipe: discursos e práticas de solidariedades e diferenças. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 6, n.12, São Luis/MA, 2010. Disponível em: <http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?option=com_content&view=article&id=384&catid=74&Itemid=114>. Acesso em: 23 ago. 2015.

MORRISON, Toni. *O corpo escravizado e o corpo negro; Racismo e Fascismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

MOTT, Luiz. *Sergipe Del Rey*. População, economia e sociedade. Aracaju: Fundesc, 1986.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual*. Possibilidade nos dias da destruição. São Paulo: Ed. Filhos da África, 2018.

NUNES, Veronica Maria Meneses. *Cultura Material e Território Eclesiástico: uma Leitura Zooiconográfica em Igrejas Coloniais de Sergipe Del Rei entre os séculos XVII – XVIII*. Tese de

Doutorado em Arqueologia. Laranjeiras: Universidade Federal de Sergipe, 2018.

OLIVA, Terezinha Alves de et al. *Casa de Ti Herculano*: lugar nagô em Laranjeiras. Aracaju: InfoGraphics Ltda., 2011.

POULOUT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI*: do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RIBEIRO, Hugo. *As Taieiras*. São Cristóvão/Aracaju: EDUFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

SANTOS, Bárbara Cristina dos. Nká asê Nagô (A Força Nagô) In: OLIVA, Terezinha Alves de et al. *Casa de Ti Herculano*: lugar nagô em Laranjeiras. Aracaju: InfoGraphics Ltda., 2011, p.19.

SANTOS, Joceneide Cunha dos. *Negros(as) da Guiné e de Angola*: nações africanas em Sergipe (1720-1835). Tese de Doutorado em História. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2014.

SOUZA, Matheus Tavares. *Análise historiográfica da obra “Vovó nagô e Papai branco” da autora Beatriz Góis Dantas*. Monografia de Licenciatura em História. São Cristóvão: UFS, 2020.

TORRES, Díjna Andrade. *Mulher nagô*: liderança feminina e as relações de gênero e parentesco no Terreiro Santa Bárbara Virgem, em Laranjeiras. Dissertação de Mestrado em Sociologia. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2012.

TORRES, Díjna Andrade. *Mulher Nagô*: liderança feminina e suas relações de poder e parentesco no Terreiro Santa Bárbara Virgem, em Laranjeiras. II Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas. São Cristóvão: UFS, 2011. Disponível em:

<http://www.gerts.com.br/seciri/anais_II_SECIRI/gt_04/gt04_02.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2015.

VERGER, Pierre. Les côtes d’Afrique occidentale entre “Rio Volta” “et Rio Lagos” (1535-1773). *Journal de la Société des Africanistes*. Vol.38, nº 38-1, Année 1968, pp.35-58. Disponível em:

<http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jafr_0037-9166_1968_num_38_1_1429?_Prescripts_Search_tabs1=standard&>. Acesso em: 22 ago. 2015.